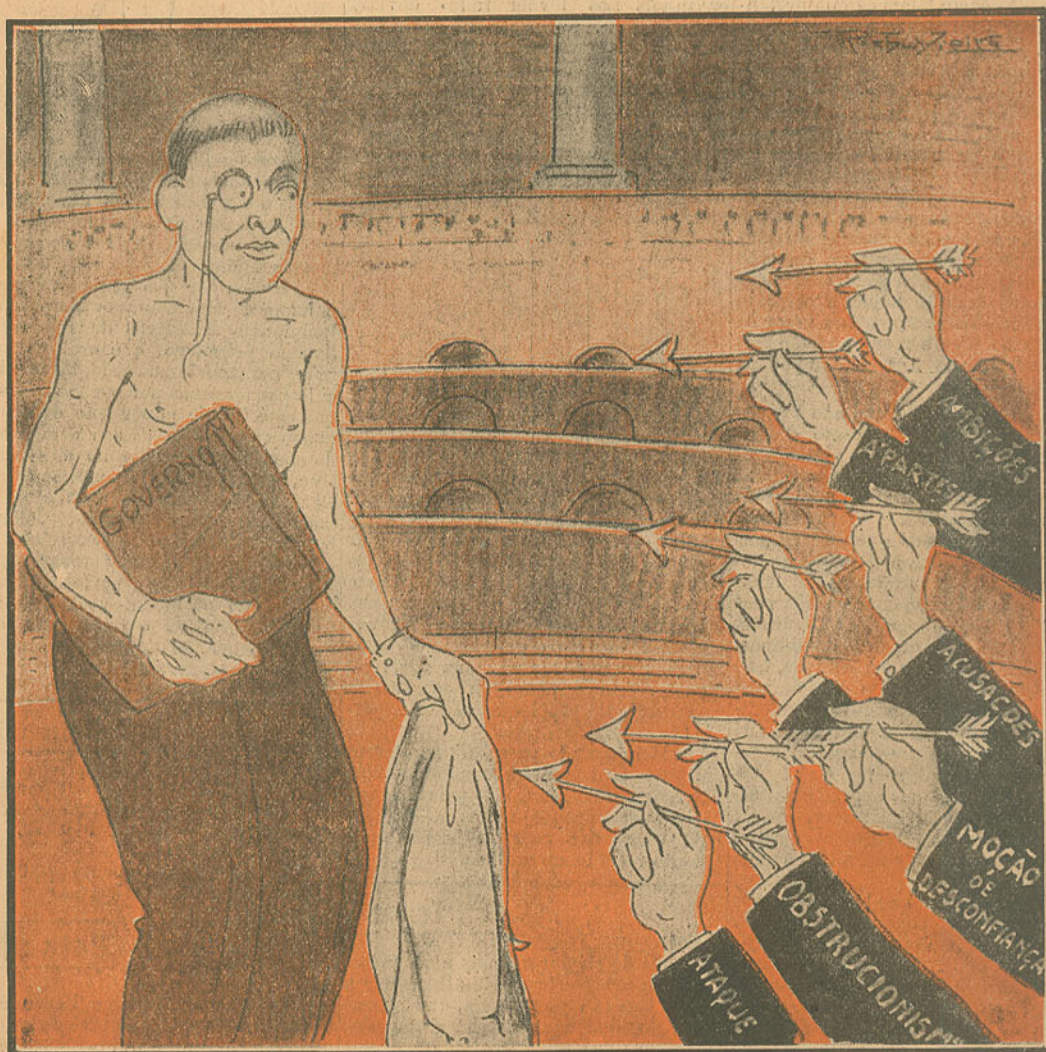




Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

S. Alvaro de Castro, martir



— Se atiram mais setas, digo como o meu colega, o martir S. Sebastião, quando elas fa-
ziam — pá!



PALESTRA AMENA

A moda macaca

União Nacional

Com licença de quem nos ouve, isto cada cabeça, cada sentença. Primeiro, cada um de nós farta-se de dizer que se fosse ministro fazia e acontecia; depois, não ha ninguém a quem falemos que não diga o mesmo, apontando medidas que n'um abrir e fechar d'olhos resolveriam o problema financeiro, o economico e todos os outros que nos estão dando agua pela barba.

Das boas intenções de todos não é licito duvidar, agora o que fariam se realmente se sentassem nas cadeiras ministeriaes, isso é que nós não sabemos, porque as pessoas que lá se teem sentado, pertencentes a agremiações politicas, fóra de tais cadeiras falavam exactamente como falam os que pretendem formar a tal União Nacional.

Vê-se, contudo, que os membros da futura União Nacional, os que pretendem agora pôr isto a direito, com uma boa vontade que se lhes não pode negar e que é muito de agradecer, não pertencem a nenhuma das facções politicas existentes; são pessoas de credo incerto, ou talvez de todos os credos, mas fóra dos grupos que até hoje teem fornecido ministros. Apresentam-se unidos, discutem um programa, que vão expôr, dispõem-se a governar, logo ao primeiro convite do sr. Presidente da Republica—e então, façam favor de nos dizer se d'este modo não vão formar precisamente... um novo partido politico?

Parece que sim, porque não ha partido com programa diferente d'este; leiam-se todos e ver-se-hão que as promessas são comuns, que as medidas preconis são excelentes, que se redigiram homens de boa vontade. Por muito desacreditados que os politicos estejam, só os desorientados por quaisquer motivos perturbadores do bom-senso é que podem negar-lhes boa vontade; quanto a sciencia de governar, a experiencia dos negocios publicos, a energia e felicidade em acertar, isso nem todas teem tido, sem duvida, mas apenas alguns. No entanto em que differem os homens não politicos, os da União Nacional, por exemplo, d'aquelles, quanto aos requisitos que deixamos expostos? Teem experiencia, sabem governar, são energeticos, teem a certeza de acertar, possuem, enfim, qualidades que os partidarios não possuem?

E' vulgar, quando se lêem os nomes das pessoas que constituem um novo ministerio, ouvir-se perguntar: — Mas quem é esta gente? Ninguém a conhece, pelo que parece indispensavel que um ministro, para bem cumprir a sua missão tem de ser pessoa bem conhecida. Mas... quem conhece as pessoas que vão formar a União Nacional? Alguem as conhece, bem se sabe; os seus amigos, os seus clientes, os seus antigos condiscipulos, os seus empregados; e os

politicos não teem tambem a sua roda de conhecidos?

Ora se os da União Nacional são muitos e bons, em vez do tempo gasto em organizar-se n'um novo partido—que o é, repetimos convictamente—porque não ingressam de cambalhada n'um dos que já estão formados, levando-lhes uma maioria de inteligencia e de energia decididas?

Afigura-se-nos que conseguiriam mais depressa o seu intuito, que é o de salvar a patria, como todos hemos mister.

J. Neutral.

Emfim, ligados!

Parece que ao grito de alarme, mil vezes repetidos nos jornais, de que «os espanhóis nos levam tudo» deviam corresponder, por parte da gente sensata, esforços para dificultarem as nossas relações com a Espanha, mas o que se vê é exactamente o contrario: está por um fio a ligação telefonica entre Lisboa e Madrid!

Se os senhores julgam que este caso é innocente, estão redondamente enganados. Os espanhóis já nos levavam o gado, os ovos, a madeira, etc. e agora,



com o telefone levam-nos, por intermedio das «niñas», nada menos do que... o coração. Até aqui só communicavamos com as espanholas pelo contacto — por assim dizer — isto é, só communicavamos com as que tinham a mão; de futuro, a centos de leguas que estejam, a linha telefonica traz-nos a doçura da sua voz cariciosa e o som delicioso dos seus beijos. Em troca, já se deixa vêr, imagine-se, com o preço da «peseta», a quantidade de papel que vamos exportar!

...Mas isto não passa d'uma desenfatiada fantasia. Pensando melhor, não faça caso o leitor das palavras que antecedem e prepare-se para, em Lisboa, conversar com as madrilenas. Quanto mais longe melhor.

Triste!

Acaba de chegar aí mais uma reformasinha ortografica, para atrapalhar a gente. Quando uma pessoa, que aprendeu pelos dicionarios de ha vinte anos, imaginava que sabia finalmente escrever—zás—provam-lhe que não!

D'aqui a pouco estamos como os chinezes, que morrem sem conhecer todos os sinais da sua escrita!

As senhoras que desejam vestir ao rigor da moda, está claro que seguem os conselhos do «Seculo», edição da noite, que na sua secção «Para ser bola» publica diariamente uma gravura representando o ultimo figurino, acompanhado de explicações em que «Noel» nos põe a par de todos os requintes mundanos.



Recentemente, nota-se que o que está mais em moda é o macaco. Pelo menos é o que se deduz das respectivas descrições: chapéus enfeitados com pelos de macaco, regalos de peles do mesmo bicho, etc.

Está-se a vêr que se trata d'um fenomeno de atavismo, por enquanto de incipientes tentativas de regresso ao homem primitivo, que era, como se sabe, um grande macacão, diferindo do chimpanzé apenas por ser mais feroz do que este. E' de supôr que dentro em pouco vejamos as damas com caudas de macaco penduradas no sitio respectivo, e outros enfeites macacoides se sigam a este, acabando elas e nós, os machos, por trepar ás arvores, dar cabriolas, e fazer todos os exercicios proprios d'aquelles nossos antepassados.

E é talvez n'essa parte que está a solução do problema social. Quando formos definitiva e irrevogavelmente quadrumanos, os cambios devem melhorar consideravelmente.

Noticia triste

Lê-se nas folhas que vai ser exonerado, a seu pedido, do cargo de commissario dos abastecimentos, o sr. Joaquim de Azevedo.

Nem a gente sabe como pode com tantos desgostos

Pois não!

O governador de Cabo Verde pediu ao ministerio das colonias que seja aumentada a circunscricão fiduciaria d'aquelles arquipelago.

Vê-se que é doença que se pega. Aquele tambem julga que a fome se sacia com papel!



Teatradas

Estava já composta a «Carta do Jerolmo», reativa ás peças teatrais mais recentemente representadas, quando tivemos de a retirar, para dar lugar á seguinte, que o nosso querido amigo Julio Diniz, de quem ha muito não tinhamos noticias, nos envia:

Caro amigo.

Tinha jurado a mim mesmo o conservar-me eternamente silencioso, apesar das evocações de Madame Lacombe e d'outros espiritas atrevidísimos, que não deixam estar socegadas as almas do Outro Mundo, mas, tendo assistido em sombra, na noite de sabado passado á primeira representação, da «Leiteira d'Entre-Arroios», entendo que devo esclarecer alguns pontos que talvez ao publico tenham passado despercebidos, na obra do meu illustre colaborador Penha Coutinho.

Fui en, efectivamente, o hospede da morgada de Entre-Arroios e observei tudo o que conta do meu modesto trabalho «Apreensões d'uma mão». Pois posso assegurar, entre outras coisas, que o Tomasinho não tinha o nariz que o sr. Sales Ribeiro lhe atribue nem aqueles modos preciosos com que o mesmo senhor torna antipatico o pobre rapaz, assim como posso jurar que o Tomasinho não cantava em italiano, como fez o sr. Sales Ribeiro. Era, pelo contrario, masculino, simpatico e portuguez de lei—incapaz, por exemplo, de cantar maxixes com a Paulina, a qual, por seu lado não costumava pôr-se a cantar por dá cá aquela palha e, mesmo antes de educada pelos cuidados da morgada, se mostrava muito mais inteligente do que o sr. Penha Coutinho supoz. Depois de educada, não falemos n'isso: era lá aquela semsaborona que no 2.º acto da peça, no baile de mascaras, não tem um dito de espirito, apesar da opinião em contrario do sr. Sales Ribeiro!

E, a proposito de baile: nunca a pobre menina andou a dar á perna mascarada, enquanto solteira e nunca a morgada teve a desfaçatez, viuva e séria como era, de vestir um dominó! Quanto ao padre (que sabia muito bem que Lamartine era girondino e não jacobino) ao juriscosulto e ao medico, conheci-os como aos meus dedos; eram caturras, sim, mas incapazes de se apalhar e sobretudo de tomar a realissima «taxada» com que o meu conspicio colega os brinda. Devo estas explicações a quem julgar que fui eu que caluniei aqueles cavalheiros, assim como devo dizer que no meu tempo não havia nenhum D. Sebastião como aquele que fez o actor Alves, que se farta de largar biscoas aos srs. Alvaro de Castro, Cunha Lial e outros.

Para terminar, cumpre-me levantar os creditos da Paulininha que en conheci, quanto ás pernas; não eram de modo algum os cabos de faca que a sr.ª D. Auzenda de Oliveira se compraz em patentear, de carnes á mostra; eram decontos, choiasinhas e apresentavam-se

EM FOCO



O estudante de Coimbra

*Julguei que estava extinta aquela raça
Que deu Gonçalves Crespo, João Penha,
O Hilario e muitos de revolta grenha,
Notaveis no talento e na arruaça.*

*Mas não, pois continua a mesma graça,
Que do futrica e do burguez desdenha,
A que o relogio, a capa e a banza empenha,
A que em risos abunda e não tem massa.*

*Com tricas e demoras sem criterio
Não sei quem uma casa lhes tirara
E vai ele, tomando o caso a serio,*

*Conquista-a n'um momento. O' coisa rara!
Se a briosa formasse ministerio
Outro galo, menimos, nos cantara!*

BELMIRO.

com meias brancas d'algodão, feitas pela propria dona,

Resta-me desejar á peça longa carreira e dizer que dispense os direitos, porque se os exigisse o Luiz Galhardo ia para os tribunais e eu não estou para desasocegos. Bem basta o que basta.

Todo sen, muito grato.

Julio Diniz.

Se a coisa pega...

Sabado passado, quando o publico do teatro Apolo estava muito contente da sua vida a assistir aos «Risos e Flores, ergue-se n'um camarote o sr. Cunha Lial, de outro o sr. Julio Martins e da plateia o sr. Jaime Ribeiro, e começam todos a fazer discursos politicos!

Seguiram-se as pranchadas da ordem e tudo acabou em bem, isto é, amolgaram-se apenas algumas costelas, mas se a moda pega astamos bem arranjados. O melhor, para evitar a surpresa das pranchadas—porque se ha pessoas que concordam com elas, ha outras a quem repugnam--o melhor seria anunciar a coisa nos jornais, como por exemplo:

S. Luiz: A LEITEIRA DE ENTRE-ARROIOS, com um discurso do sr. Domingos Pereira e á parte do sr. Vasco Borges.

Politeama: O GRANDE AMOR, com pancadaria provocada por um discurso do sr. Machado dos Santos.

Nacional: LEONARDA e decompostura ao parlamento, pelo sr. Alvaro de Castro. Murros nos intervalos.

Etc.

A mania matematica

Já fizemos notar que ha um tempo a esta parte a algebra anda atrevidissima, metendo-se em tudo, com suas formulas cabalisticas. Agora, até se moteu na Camara Municipal, que para consentir no aumento dos preços das passagens dos electricos recorreu á referida sciencia, com a vantagem de todos ficarmos contentísimos porque vamos pagar e não bufaremos, visto que poucas pessoas estão nos segredos das equações.

Ora vejam vossas excelencias se en-



tendem a seguinte musica, constante da alinea (c) do relatório apresentado pela comissão encarregada de dar parecer sobre o pedido da Companhia dos Carris de Ferro á Camara:

«Os preços dos bilhetes de assinatura será regulado pela formula algebrica.

$$P=600 \times T$$

que é a simplificação da formula

$$P = N \times C \times T - 46\%_0.$$

Oh muito nos enganamos ou estas duas formulas encerram-se n'uma unica, que diz respeito á bolsa dos passageiros e que é assim:

$$X P T O = 0$$

Deve ser isto.

A alta das lãs



— Muito tem subido as fazendas!
— Tem, mas a subirem assim, d'aqui a pouco ninguem as compra, porque não são precisas para nada...!